

Afetividade e endereçamento: os destinatários de Assionara Souza

Affectivity and addressing: Assionara Souza's recipients

Brunna Pszdzimirski
UNICENTRO

Nilcéia Valdati
UNICENTRO

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2025.e99749>

Resumo

O objetivo deste trabalho é observar como o endereçamento poético se apresenta na escrita de Assionara Souza (1969-2018). Com dois livros de poesias publicados, a autora foi atuante em publicações nas redes sociais, em que é possível verificar a produção de poemas que fortalecem as vivências do eu-mulher. São destes espaços que selecionamos para análise os poemas: “Águas de Ariel” (2016), “Para Leo Mir” (2017) e “É tarde de segunda-feira” (2018). Observamos que o endereçamento se constrói através da afetividade e das escritas do íntimo, em um movimento que utiliza nomes próprios, porém possibilita a presença e participação do leitor. Para o desenvolvimento de tais questões, analisamos os poemas lendo-os através das ideias teóricas de Luciana Di Leone (2014) e Celia Pedrosa (2014, 2018), sobre a noção do afeto e do endereçamento em poemas que quando produzidos utilizam como suporte nomes próprios. Também nos pautamos nas ideias de Luciana Abreu Jardim (2017) sobre as escritas do íntimo dentro da poesia produzida por mulheres. Por meio de uma escrita que se apresenta em caráter privativo, Assionara demonstra que as redes sociais podem ser um excelente espaço para que a voz do poema enquanto emissora estabeleça um contato direto com seus receptores/leitores.

Palavras-chave: poesia contemporânea; Assionara Souza; autoria feminina; endereçamento.

Abstract

This paper aims to observe how poetic address is presented in the writing of Assionara Souza (1969-2018). Having published two poetry books, the author has been active in social media posts, in which it is possible to see the production of poems that strengthen the experiences of the woman-self. The following poems from these spaces were selected for analysis: “Águas de Ariel” (2016), “Para Leo Mir” (2017), and “É tarde de segunda-feira” (2018). We observed that the addressing is constructed through affectivity and private writings in a movement that uses given names but allows for the presence and participation of the reader. In order to explore these issues, we analyzed the poems by reading them through the theoretical ideas of Luciana Di Leone (2014) and Celia Pedrosa (2014, 2018) on the notion of affection and addressing in poems that, when produced, use given names as support. We also used the ideas of Luciana Abreu Jardim (2017) on the writing of the private within poetry produced by women. By writing privately, Assionara demonstrates that social media can be an excellent space for the poem’s voice as a channel to establish direct contact with its recipients/readers.

Keywords: contemporary poetry; Assionara Souza; female authorship; addressing.

Introdução

No campo da poesia brasileira, frequentemente, nos deparamos com escritas que indicam um caráter epistolar. Poemas escritos de forma endereçada, que colocam o leitor em uma posição de entusiasta para desvendar além do que as palavras revelam, para desdobrar sua significação e identificar quem são os seus destinatários.

O debate sobre o conceito de endereçamento e o uso de nomes próprios em poemas é abordado pela pesquisadora Luciana Di Leone em *Poesia e escolhas afetivas* (2014), em que a autora propõe a análise de poemas que abordam a presença do outro em um gesto afetivo. Nesse sentido, de acordo com Leone (2014), há múltiplos recursos linguísticos que podem evidenciar a presença do outro, porém, o estopim dos debates é o uso dos nomes próprios:

Esse fato solicita não uma leitura que procure debater os eventos biográficos compartilhados e referidos – como se o “real” ou a “vida” fossem o sentido último e verdadeiro do texto –, *mas uma leitura que seja capaz de ver as marcas das aberturas do texto ao seu fora*, dado que se apresenta como afetado por diversas forças, textuais ou não, apagando no final das contas essa fronteira (Leone, 2014, p. 172, grifos da autora).

É necessário observar que nem sempre o poema endereçado será considerado um poema epistolar. Porém, o endereçamento estabelece pontes para o contato direto com o outro. Dentro dessas ideias, o conceito de endereçamento é elaborado a partir de vários exemplos na poesia brasileira. À vista disso, neste artigo, nosso olhar se dirige à poética de Assionara Souza

(1969-2018). Natural de Caicó/RN, a poeta radicou-se em Curitiba/PR. Mestra em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), publicou quatro livros de contos e dois livros de poesia, sendo um póstumo¹.

Além da publicação de dois livros de poesia, Assionara era atuante nos meios digitais, organizando publicações em *blogs* e em suas redes sociais². A escrita literária na internet contribui para o contato com o outro, em interações poéticas que podem ser realizadas de forma instantânea. Logo, é destes espaços que observamos a produção de poemas que fortalecem as vivências do eu-mulher e a escrita do íntimo, detendo-se à análise de poemas que partem da ideia de endereçamento, tanto para destinatários nomeados quanto para anônimos, em um emaranhado de referências externas que cabe ao leitor desvendar.

Deste modo, o presente artigo analisará os seguintes poemas: “Águas de Ariel” (2016), “Para Leo Mir” (2017) e “É tarde de segunda-feira” (2018). Observa-se nesses poemas que, por mais que exista o nome do destinatário, o leitor não é excluído e mesmo sendo produzido a partir do conceito de poéticas do íntimo, o poema não se fecha entre emissor/voz do poema e receptor/leitor.

“Endereçamento: para o outro, meu amigo”³

Em “Poesia, crítica, endereçamento” (2014), a pesquisadora e professora

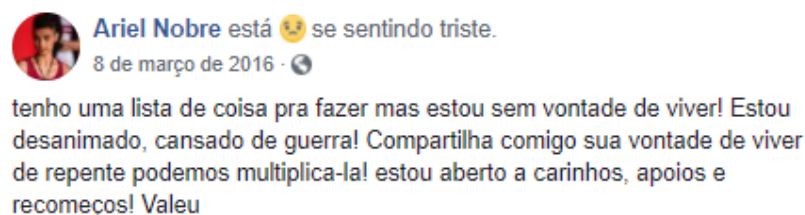
1 Assionara Souza publicou os livros de contos *Cecília não é um cachimbo* (2005), *Amanhã. Com sorvete!* (2010), *Os hábitos e os monges* (2011), *Na rua: a caminho do circo* (2014) e no campo da poesia *Alquimista na chuva* (2017) e *Instruções para morder a palavra pássaro* (2022).

2 Nos meios digitais, é possível encontrar publicações autorais de Assionara em sua página pessoal no Facebook e nos blogs: *Cecília não é um cachimbo*, *Escritoras suicidas* e *Revista Germina*. Esses meios foram utilizados como objetos de pesquisa na dissertação de mestrado intitulada “Fases da poesia de Assionara Souza: mulher, estética, ciberespaço”. Pszdziminski, Brunna. *Fases da poesia de Assionara Souza: mulher, estética, ciberespaço*. Orientador: Nilcéia Valdati. 2021. v. 114, Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná, Guarapuava, 2021. Disponível em: <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/handle/jspui/1650>. Acesso em: 30 jun. 2024.

3 Tomamos emprestado o subtítulo deste artigo do livro *Poesia e escolhas afetivas* (2014) de Luciana Di Leone.

Celia Pedrosa irá discutir a questão de endereçamento a partir da análise de trabalhos de Ana C. e das reflexões do crítico Silviano Santiago no ensaio “Singular e anônimo” de 1985. Em suas discussões, Pedrosa (2014) reafirma que todos os poemas são como um estado de travessia para com o outro, cabendo aos leitores – em um gesto simultâneo de ternura e desafio – desvendar quem é esse outro. Na escrita de Assionara Souza podemos identificar possíveis endereçamentos, como no poema “Águas de Ariel” (2016), publicado no *blog Cecilia não é um cachimbo*, que é acompanhado de um destinatário abaixo do título: “Para Ariel Nobre”. Na tentativa de entendermos tal endereçamento, temos que migrar para outras plataformas digitais. Em uma pesquisa no *Google*, fica-se sabendo que Ariel Nobre é um homem trans, artista, diretor e cineasta. Em outra pesquisa – agora no *Facebook* – é possível ver que Assionara publicava com frequência conteúdos que se relacionavam a Ariel. Foi ainda através do *Facebook* que o cineasta realizou um desabafo sobre um momento difícil que estava passando, uma situação de preconceito e homofobia⁴:

Figura 1: Publicação de Ariel Nobre no Facebook



Fonte: Página pessoal de Ariel Nobre no Facebook (2016)⁵

A partir dessa solicitação, em que pede aos amigos para que

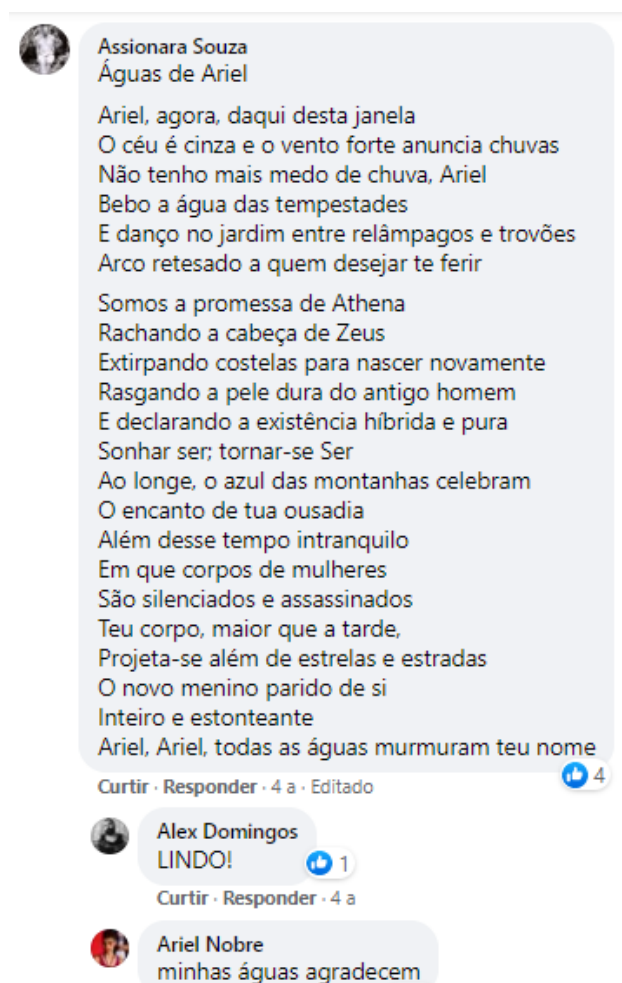
⁴ Ariel Nobre cita esses momentos de sua vida em um relato publicado pelo site Uol. Em 2018, enfrentando todas essas dificuldades, o cineasta produziu o documentário *Preciso Dizer Que Te Amo* em que aborda a violência, o preconceito e o suicídio entre transsexuais.

Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/08/01/fui-ameacado-por-ser-trans-desisti-do-suicidio-e-hoje-sou-cineasta.htm?cpVersion=instant-article>. Acesso em: 10 fev. 2024.

⁵ Postagem de Ariel Nobre. Disponível em: <https://www.facebook.com/arielnobret/posts/10208679011915393>. Acesso em: 10 fev. 2024.

compartilhassem com ele suas vontades de viver, Assionara produziu um poema, completamente atravessado pelo afeto e endereçado ao amigo⁶, publicado como forma de comentário:

Figura 2: Comentário de Assionara Souza à postagem de Ariel Nobre no Facebook



Fonte: Página pessoal de Ariel Nobre no Facebook (2016)⁷

Manifesta-se nesse poema⁸ uma posição política de Assionara, quando assume o papel de colocar-se em defesa das minorias, ao abordar as questões

⁶ É importante destacar que não sabemos qual é o grau de amizade entre ambos, neste caso o uso do substantivo “amigos” refere-se a uma amizade aparentemente virtual.

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/arielnobret/posts/10208679011915393>. Acesso em: 10 fev. 2024.

⁸ Assim, podemos observar que a publicação original do poema aconteceu como forma de comentário. Foi só depois que Assionara Souza o publica – acompanhado do destinatário – no blog Cecília não é um cachimbo. Disponível em: <http://cecineest.blogspot.com/2016/03/ariel.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

de gênero e orientação sexual. A *água* que vem neste momento como tempestade é vista como elemento de transformação e purificação. Há também citação à mitologia “Somos a promessa de Athena”, ou seja: sábios e corajosos, apesar de diversos deuses serem filhos de Zeus, há o protagonismo de Atena como “a filha de Zeus” e podemos dizer que tal relação se faz presente devido às condições do nascimento da deusa. Há diferentes versões que explicam o nascimento de Atena, a mais popular narra que Zeus recebeu uma profecia de que Métis, sua esposa, teria dois filhos seus, e um deles destruiria o próprio pai (como Zeus fez com Cronos), assim ele a devora, enquanto ela estava grávida de Atena. Após, Zeus é acometido por uma dor de cabeça insuportável e pede a Hefesto, deus das forjas, que lhe dê uma machadada na cabeça. É neste momento que Atena nasce, rachando a cabeça de Zeus — como recorda Assionara em seu poema —, entretanto, a deusa surge já em forma adulta e armada. Uma outra versão do mito, é recontada por Pierre Grimal (2005), em que a profecia dizia que Métis teria apenas uma filha e ela destronaria o pai, porém, como Atena não foi gerada e não nasceu do corpo de Métis, mas sim da cabeça de Zeus, e manteve-se virgem, a promessa não se cumpriu. Assim, independentemente da versão, percebe-se que o nascimento de Atena rompe com os parricídios que visavam o poder. Podemos então traçar um paralelo entre o mito e o poema de Assionara, em que a transformação que chega para o seu destinatário surgirá como um processo que quebra os ciclos de incompreensão e violência, muitas vezes sendo da própria família.

Ainda há referência ao corpo, ao verbo “parir”: “O menino novo parido de si / Inteiro e estonteante” (Souza, 2016), o nascimento de algo novo, de um corpo novo, de enfim tornar-se aquilo que nasceu para ser. Dessa forma, por mais que o poema seja endereçado a alguém específico, é um poema que pode “tocar” qualquer leitor que se reconheça nele. Leone (2014) aponta que o leitor deverá explorar o poema, sem fechar seus significados, não se

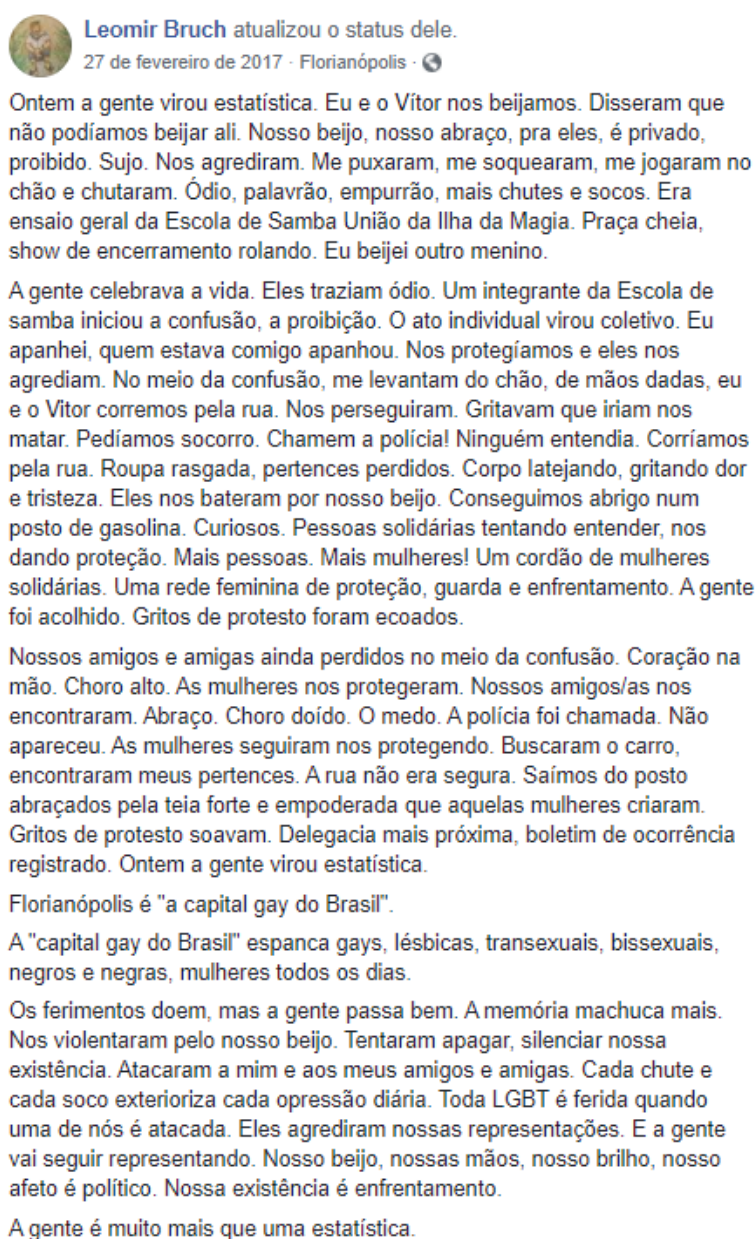
prendendo aos dados biográficos – como o nome próprio –, para que mesmo sobre uma marca identificatória o poema possa ser democrático. Assim, a partir da fruição literária, cada leitor que se identificar com o poema poderá tomá-lo para si.

O endereçamento na poesia é pensado como alcance do outro, colocando em pauta as subjetividades, decorrentes da relação de ambos. Deste modo, outro poema que segue a mesma construção de “Águas de Ariel” é “Para Leo Mir” (2017). Neste poema vemos novamente o endereçamento para o outro, acompanhado do nome próprio: “Leo Mir” neste caso, Assionara refere-se ao seu amigo, o professor Leomir Bruch.

No carnaval de 2017, Leomir e seu namorado foram vítimas de homofobia⁹ e a partir dessa situação ele publicou um relato em sua página pessoal do *Facebook*:

9 No site do Correio Braziliense podemos observar a notícia do acontecimento: Homossexuais são agredidos em festa de escola de samba. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/02/27/interna-brasil,577021/homossexuais-sao-agredidos-em-festa-de-escola-de-samba.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Figura 3: Publicação de Leomir Bruch no Facebook



Fonte: Página pessoal de Leomir Bruch no Facebook (2017a)¹⁰

Muitas pessoas se solidarizaram com a lamentável situação, entre elas a poeta Assionara Souza, que, pelas palavras de Leomir, “transformou nossa luta em verso”¹¹, através do poema “Para Leo Mir” publicado em seu *Facebook*:

10 Disponível em: <https://www.facebook.com/leobruch/posts/1256655247754739>. Acesso em: 10 fev. 2024.

11 Disponível em: <https://www.facebook.com/leobruch/posts/1257558137664450>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Para Leo Mir

Em solidariedade

Aos que se abstêm de beijar em público

Por medo de serem banidos

I n s u l t a d o s
E s p a n c a d o s

Assassinados

Decretaremos um dia sem beijos escancarados

Um dia sem abraços apertados

Nos aeroportos

Nos terminais rodoviários

Nas filas dos metrô

Um dia inteiro sem encoxadas de adolescentes apaixonados nos pontos de ônibus

24 horas intermináveis sem carinhos públicos

Nenhuma expressão explícita de amor

Nos pátios das escolas

Nenhum chupão no pescoço

Na despedida da festa

Em frente ao prédio sob o olhar do porteiro

Nada de beijos rápidos e fortes

No amarelo do sinal

Sem EuTeAmo gritados

no meio da rua, nas praças, nos parques

Nenhum aperto de mãos nos leitos de hospitais

Abraços nos cinemas: interditados

pelo prazo de um dia

Agarrar aquelas pernas no sofá da sala

Em presença de toda a família

Também está proibido pelo eterno, solitário e frio tempo que perdurar este decreto

Aos que se arriscarem

E forem flagrados

Em escândalos de beijos ou quaisquer das restrições acima citadas

Igualmente serão banidos

Insultados

E s p a n c a d o s
Assassinados

Depois de encerrado o dia

Os hipócritas sentirão

Uma sede infinita de amor

E se houver sobreviventes

Beijar escondido

Estará restrito à máxima conquista de crianças curiosas

E amantes incendiários

Nenhum amor será mais necessário

Somente máquinas, trabalho escravo

E a eterna espera pelo décimo terceiro salário (Souza, 2017).¹²

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

Em 2016, Assionara Souza já havia publicado uma versão desse poema em seu *Facebook*, mas após a violência contra seu amigo, ela modifica alguns versos na escrita para republicá-lo, endereçando-o a Leomir Bruch e aos que sofrem a mesma violência. Assim, o endereçamento ocorre não como formalidade textual, mas como forma de alcance do outro, colocando em questão as subjetividades de cada um com a derivação da relação. O poema endereçado passa a ser um gesto de carinho, de empatia, de aproximação. Há também, retomando as ideias já lançadas anteriormente, o gesto político. O endereçamento por si só é um movimento político: “Nesse sentido, pensar a poesia a partir do endereçamento é pensar [...] que o ‘eu’ poético é antes de mais nada um gesto, um movimento, um ato, político porque endereçado” (Pedrosa *et al.*, 2018, p. 104). E essa ideia é reafirmada quando a voz do poema se conecta com diversas vivências e escancara o que deve ser dito, assim como empresta sua voz para os outros.

Além da correspondência fora do corpo textual que Assionara faz para “Leo Mir”, dentro dele a voz do poema irá endereçar a escrita utilizando o substantivo “solidariedade” e definindo com quem será solidário: “Aos que se abstêm de beijar em público / Por medo de serem banidos / Insultados / Espancados / Assassinados” (Souza, 2017). E assim a voz do poema cria um decreto, citando situações cotidianas que deixarão de ocorrer, tais como pequenas demonstrações de afetos que fazem parte do dia a dia: na escola, nos hospitais, aeroportos, praças. Com o objetivo de levar o leitor a refletir: se não nos incomodamos com esses gestos feitos rotineiramente por pessoas heterossexuais, porque os mesmos gestos (ou ainda mais ínfimos) feitos por pessoas homoafetivas incomodam tanto, ao ponto de pessoas chegarem a serem violentadas, espancadas ou até assassinadas?

Se a resposta fica emaranhada no questionamento, os versos breves e os inúmeros *enjambements* buscam criar expectativas em relação ao que vêm e aumentam a potência do que quer ser dito. Assim, ao optar pelo uso de

enjambements, a poeta reforça a potência poética e política do que defende:

Nenhuma expressão explícita de amor
Nos pátios das escolas
Nenhum chupão no pescoço
Na despedida da festa (Souza, 2017).

Nos versos acima percebemos o corte dos adjuntos adverbiais antes da voz do poema definir em que locais serão proibidas as demonstrações afetivas, procurando levar o leitor a uma reflexão, em que possa imaginar possibilidades do que virá. Quando a voz do poema define qual será a punição para quem não seguir o decreto, o uso dos *enjambements* favorece a espera pelo desenrolar da atitude daquele que agora detém o poder:

Aos que se arriscarem
E forem flagrados
Em escândalos de beijos ou quaisquer das restrições acima citadas
Igualmente serão banidos (Souza, 2017).

Neste sentido, as escolhas da poeta pelo corte na construção dos versos permite uma provocação sobre as violências que são moldadas na nossa realidade social. Deste modo, o poema é endereçado para Leomir e para todos aqueles que sofrem com essas agressões, mas pode também ser endereçado como ferramenta de reflexão para que aqueles que detém o privilégio de não estarem nessa posição pratiquem a empatia e repensem suas atitudes, que muitas vezes não estão acompanhadas de um gesto violento, mas que apresentam-se em um “olhar feio”. O poema é escrito para Leomir, mas “sem deixar de lhe pertencer, é, ao mesmo tempo, e por ter sido esvaziado de toda transcendentalidade, para qualquer um” (Leone, 2014, p. 193).

A questão do endereçamento não se apresenta com apenas uma possibilidade (a indicação do nome próprio), pode aparecer em referências abertas dentro do texto, que nem sempre será visível para o leitor desvendar.

Como é o caso do poema “É tarde de segunda-feira”, publicado em 2018 no *blog Escritoras suicidas*:

É tarde de segunda-feira
As palavras dançam em mil vozes
Não pode evitá-las
Quer apenas dormir e deixar o corpo esquecer
Ontem de madrugada
Chegando da festa
(Sempre depois da festa os desastres
— Como se um deus não perdoasse
O cansaço de nossa alegria)
A mão segura o calcanhar
Esquerdo e, antes que o sapato escape,
Um telefone grita
Ninguém será jamais uma ilha
Do outro lado da linha,
O gemido ensaia a frase de socorro
Recompor-se, esquecer a entrega
Do corpo ao prazer vivido na festa
O amor nos impele a obrigações vastíssimas
— Sim! Já estamos indo! Fica calmo.
Procura não se mexer...
A cidade respira uma camada tímida de brisa
Os homens mergulham
Em alienações produtivas
Quem flagra sua maquiagem gasta
E o cabelo desarrumado
Não acerta uma pista do enredo dessa trama
Então ela providencia tudo
Para que fiquem bem, para que estejam bem
Nada mais do que a impossível obrigação
Agora, na tarde densa de insônia
Conduz seu fantasma ao espelho
Mira-se longo e compreensivo
Como se arrancasse o coração
Com o machado do ‘sim’ (Souza, 2018).¹³

Em uma primeira leitura observamos versos livres em métrica irregular e a adoção de *enjambements* que encaminham o poema para a prosa, para uma crônica que não nos traz elementos conhecidos ou nomes para que possamos defini-lo como um poema afetivo ou um endereçamento – salvo os

13 Disponível em: http://www.escritorassuicidas.com.br/edicao53_2.htm. Acesso em: 10 fev. 2024.

dois últimos versos, que nos levam a pensar na Madrasta da Branca de Neve que pede ao caçador o coração da menina. A brecha para o endereçamento surge quando o poema é publicado de forma póstuma na página dedicada a autora no *Facebook* com uma denominação marcando quem será seu destinatário: “Para Silvana Guimarães”. A escritora Silvana – entrevistada para esta pesquisa¹⁴ – era uma amiga virtual íntima de Assionara, as autoras nunca se encontraram pessoalmente, mas mantinham fortes laços de amizade e trabalho. Silvana foi editora de conteúdo do *blog Escritoras Suicidas* e foi neste espaço que ela e Assionara se conheceram. Mais tarde, Assionara iniciou suas publicações na *Revista Germina*, em que Silvana atua como editora-chefe.

Silvana Guimarães é também poeta e publica suas obras com o heterônimo “Adelaide do Julinho”, uma referência ao pseudônimo usado por Chico Buarque durante o período da ditadura militar “Julinho da Adelaide”, porém invertendo a posição dos nomes e, portanto, do lugar dos gêneros. Ao ser questionada sobre a escolha desse heterônimo e a relevância dessa escolha dentro do cenário social atual, Silvana diz:

O heterônimo. Eu comecei a escrever poeminhas indecentes e não queria assinar com o nome verdadeiro, com medo da censura. Hehe. Então, fiz como Julinho da Adelaide, do Chico. Inverti o nome. Uma pretensão danada. Mas começou como brincadeira e foi pegando. Custei a misturar a Adelaide com a Silvana, escondi o ‘parentesco’ por muito tempo (Guimarães, 2020).

Obviamente a censura a que Silvana se refere não é a mesma a qual Chico Buarque enfrentou, mas ao publicar poemas “ousados”, em meios digitais, o uso de um heterônimo, conforme define Silvana, garantiu à poeta um anonimato. Foi na mesma entrevista também que Silvana fala sobre sua

¹⁴ Para desenvolvimento das nossas pesquisas em torno da poeta Assionara Souza foi realizada uma entrevista com Silvana Guimarães, que será utilizada para o desenvolvimento deste artigo. A entrevista foi realizada em 2020 durante as pesquisas de desenvolvimento da dissertação de mestrado. Assim, as citações indicadas com a autoria de Guimarães (2020) são retiradas desta entrevista.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

intimidade com Assionara Souza:

A partir de 2010 nossa convivência ganhou intimidade. Foi quando passamos a conversar todos os dias, por mensagens ou pelo telefone. Nosso assunto principal era a literatura. E sempre acabava em poesia. Escrevíamos poemas sobre nossas conversas. Por exemplo, eu contava um caso que aconteceu naquele dia. Daí a pouco, Nara mandava um poema sobre o caso. Ou vice-versa (vou deixar dois exemplos abaixo). Conversamos até dois dias antes de sua morte, quando ela não conseguia mais falar. E me respondia com uma letra apenas, no WhatsApp, pra me mostrar que estava lendo. Foi uma relação de muito afeto e muita confiança: ela me deu todas as suas senhas (redes sociais, blogue, iPhone). De muita dor, também. Nara não queria morrer. Ela dizia que não podia morrer, porque precisava escrever muita coisa. Eu lia/ouvia aquilo sem ter o que dizer. Não havia consolo. Então, desviava o assunto pra algo que ela gostasse de conversar (Guimarães, 2020).

Os poemas que Silvana utiliza como exemplos são “É tarde de segunda-feira” – de Assionara Souza – e “don’t let me get what i want” de autoria de Adelaide do Julinho. Através do relato de Silvana, percebemos quão grande era a relação afetiva entre ambas e quantos poemas endereçados de uma à outra podem ter sido produzidos nessa relação de cumplicidade. Assim, além de ser uma produção de endereçamento, os poemas tornam-se também escritas do íntimo.

A pesquisadora Luciana Abreu Jardim (2017) reflete sobre as escritas do íntimo dentro da literatura produzida por mulheres. Seguindo as considerações de Julia Kristeva (1997), a estudiosa ressalta a impossibilidade de separar vida e obra no processo criativo de uma mulher:

Pensar no íntimo na literatura desde a literatura, abrindo-se para outras áreas, desencadeia um retorno à tessitura de Penélope, gesto de recuperação de uma ausência de tecidos que tanto contribuíram na formação de nossa escrita. Porque estamos desde tempos arcaicos enredados em escritas, em seus suportes e no aprimoramento dessa técnica, o movimento de escrita do feminino, por ter se desenvolvido discreta e obliquamente nas margens das grandes heranças, esqueceu desses fios (Jardim, 2017, p. 15).

Deste modo, relembrando o código de comunicação das mulheres que vem desde a Grécia Antiga e pensando nas considerações de Jardim (2017), que diz não se pode separar vida e obra no processo criativo de uma mulher, vemos aqui duas poetisas – Assionara Souza e Adelaide do Julinho – que se comunicam através de poemas. Poemas de certa forma endereçados, mas que podem ser enigmas para os leitores, que irão acompanhar a leitura apenas como *voyeurs*. O endereçamento terá dois caminhos na escrita de Assionara: o escondido e o enigmático. O escondido pode ser revelado, procurado, mas o enigmático não, pois não o conhecemos. Assim, só temos o “direito” de entrar dentro dessa teia comunicativa das poetisas porque Adelaide do Julinho deixa algumas “pistas” pelo caminho. Silvana explica como surgiu o poema “É tarde de segunda-feira”:

Eu voltava de uma festa de casamento, quase de manhã, quando meu irmão me ligou e disse que havia sofrido um acidente doméstico: ele caiu e quebrou o fêmur, não conseguia se mexer. Entrei em casa correndo, troquei de roupa, chamei a ambulância e fui pra casa dele, depois, pro hospital, onde passei o dia e a noite. Ele foi operado, correu tudo bem. Só que eu me esqueci de lavar o rosto. Estava maquiada e devo ter virado um espetáculo de horror pra quem me via (Guimarães, 2020).

A partir do relato de Silvana a compreensão do poema “É tarde de segunda-feira” se abre para o afeto. De forma poética, Assionara conta o cotidiano da amiga, transforma em poesia o corriqueiro, o pessoal, o íntimo.

Nesse mesmo sentido, Adelaide do Julinho produz “don’t let me get what i want” (2017): “Nara estava fazendo quimioterapia [...], quando me chamou pra conversar no WhatsApp, me pediu pra ouvir a música que ela estava ouvindo [<https://youtu.be/8j4hg9VrYX4>]¹⁵ e me falou de sonhos, conversamos sobre febres, delírios, dores” (Guimarães, 2020).

don’t let me get what i want
para a.s.

em algum lugar da paixão
existe uma árvore branca
que surgiu em meu delírio
no meio de uma tempestade
uma febre tropical na neve
uma árvore que se debate
na solidão do dia embaçado
como se fosse um pássaro
como se fosse um regaço
em dias de chuva ela volta
no calor trava-me os passos
please please please acredite
você é uma grande nadadora
mas o cansaço é inevitável:
a alma exige demais do corpo
so please please please não tente
atravessar o amor a braçadas (Julinho, 2017).¹⁶

Apesar de falar de uma particularidade de Assionara, o poema de Silvana confirma a ideia de que os poemas endereçados podem ser tomados por todos aqueles que de uma forma ou outra buscam na fruição literária uma possibilidade de conforto.

15 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8j4hg9VrYX4>. Acesso em: 06 dez. 2024.

16 Disponível em: <https://www.facebook.com/adelaidedojulinho/posts/10213613656997755>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Últimas considerações

Ao observarmos a produção poética produzida por mulheres, deparamo-nos com o termo “poesia mulher”, como elabora Susana Scramim (2016, 2022). Para a pesquisadora, não basta apenas a escrita ter sido produzida por alguém que se define mulher para que a obra se defina como feminina. Colocar-se no feminino é comprometer-se com a capacidade de olhar através do olhar do outro, de ver-se no outro. Pensar na “poesia mulher” é pensar em uma experiência como imagem sensível, que nos proporcione um olhar da diferença:

Poesia mulher tem a ver [...] com a experiência pensada como imagem. Não apenas como imagem verbal ou imagem visual nem mesmo auditiva, mas com imagem sensível que produz experiência que altera nosso estado, sempre alerta, de ‘estar na defensiva’, de ‘estar no ataque’, ou seja, de estar sempre ‘em guarda’, com uma disposição preconcebida diante das coisas. Quando penso em uma poesia mulher, aposto no conflito com a equação do projeto moderno ocidental que é racional, evolutivo e disjuntivo (Scramim, 2016, p. 01).

Ao citar algumas poetisas contemporâneas, tais como: Angélica Freitas, Josely Vianna Baptista, Ana Martins Marques e outras, Scramim pontua que a produção destas poetisas em geral, busca delimitar uma linha entre a vida prosaica (o arcaico) e a estética da arte moderna, em uma criação que: “É capaz de produzir experiências extratextuais, na qual estejam pensadas a situação de interdependência entre biologia e humanismo (zoé e bios), entre ética e escrita, entre sentido e suspensão da unidade, entre mimese e mimetismo, entre fala e discurso” (Scramim, 2016, p. 01). Já na poesia de Assionara, ao observar o endereçamento – explícito e implícito –, podemos reafirmar sua posição dentro do campo afetivo e do conceito de “poesia mulher”, já que através dos poemas com destinatários, Assionara coloca-se no lugar do outro e traz também o leitor para esse gesto.

Além disso, através das análises propostas, percebe-se que as considerações sobre a amizade que circulam entre os poemas endereçados de Assionara refletem sobre um caminho duplo. No primeiro, o olhar se lança para a diversidade, o que se vê em “Águas de Ariel” (2016) e “Para Leo Mir” (2017). Embora destinados a remetentes específicos, pelo olhar para o outro de Assionara, ao produzir sobre situações violentas enfrentadas por pessoas homoafetivas e transsexuais, todos que se reconhecerem nestes versos poderão tomá-los para si. Assim, observa-se uma poética do cuidado em que há a presença do destinatário como índice de um coletivo.

Já no segundo caminho, que se apresenta em “É tarde de segunda-feira” (2018), os leitores não somos convocados explicitamente. Os versos que nos dois primeiros poemas eram para todos, agora passam a ter um caráter íntimo. Deste modo, o endereçamento se fecha em um circuito de remetente *versus* destinatário, e para o leitor restará o desafio de incluir o destinatário no processo de leitura do poema.

Por fim, percebe-se que independentemente do caminho escolhido, os poemas de Assionara publicados em suas redes sociais, terão sempre espaço para a presença e participação do público. As escritas não se prendem em uma relação privada de enunciador e destinatário, mesmo que a presença do leitor não esteja dentro da proposta do endereçamento.

Referências

BRUCH. Leomir. *Publicação em sua página pessoal no Facebook*. 2017a. Disponível em: <https://www.facebook.com/leobbruch/posts/1256655247754739>. Acesso em: 10 fev. 2024.

BRUCH. Leomir. *Publicação em sua página pessoal no Facebook*. 2017b. Disponível em: <https://www.facebook.com/leobbruch/>

[posts/1257558137664450](#). Acesso em: 10 fev. 2024.

CORREIO BRAZILIENSE. *Homossexuais são agredidos em festa de escola de samba*. 2017. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/02/27/internabrazil,577021/homossexuais-sao-agredidos-em-festa-de-escola-de-samba.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2024.

GUIMARÃES, Silvana. *Entrevista concedida a Brunna Pszdzimirski*. Guarapuava: 2020.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

JARDIM, Luciana Abreu. Do íntimo: no início era a vertigem da liberdade e sorrisos. In: JARDIM, Luciana Abreu. (Org.). *Literatura Do Íntimo*. 1 ed. Vinhedo: Horizonte, 2017, p. 13-16.

JULINHO, Adelaide do. *don't let me get what i want*. 24 out. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/adelaidedojulinho/posts/10213613656997755>. Acesso em: 10 fev. 2024.

LEONE, Luciana di. *Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

NOBRE, Ariel. *Publicação em sua página pessoal no Facebook*. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/arielnobret/posts/10208679011915393>. Acesso em: 10 fev. 2024.

NOBRE, Ariel. Fui ameaçado por ser trans, planejei suicídio e, hoje, sou cineasta. *UOL*. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/08/01/fui-ameacadopor-ser-trans-desisti-do-suicidio-e-hoje-sou-cineasta.htm?cpVersion=instant-article>. Acesso em: 10 fev. 2024.

PEDROSA, Celia. Poesia, crítica, endereçamento. In: KIFFER, Ana;

GARRAMUÑO, Florencia. *Expansões Contemporâneas: literatura e outras formas*. Belo Horizonte: UFMG, p. 69-90, 2014.

PEDROSA, Celia et al (org.). Endereçamento. In: PEDROSA, Celia et al (Org.). *Indicionário do Contemporâneo*. Belo Horizonte: UFMG, p. 97-124, 2018.

SCRAMIM, Susana. A poesia Mulher. *Revista Cult*. 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-poesia-mulher/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SCRAMIM, Susana. Como ler hoje alguma poesia escrita por mulheres? In: BARETTA, Luciane; VALDATI, Nilcéia (Orgs.) *Perpectivas sobre/de leitura*. Campinas – SP: Pontes, p. 171-188, 2022.

SOUZA, Assionara. Águas de Ariel. In: *Cecília não é um cachimbo*. 2016g. Disponível em: <http://cecinest.blogspot.com/2016/03/ariel.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SOUZA, Assionara. Para Leo Mir. 28 fev. 2017i. In: Facebook “Assionara Souza”. Disponível em: <https://www.facebook.com/NNaraAA/posts/1260279797353560>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SOUZA, Assionara. É tarde de segunda-feira. 2018. In: *Escritoras suicidas*. Disponível em: http://www.escritorassuicidas.com.br/edicao53_2.htm. Acesso em: 10 fev. 2024.

Submissão: 21/04/2024
Aceite: 02/12/2024

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2025.e99749>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*